

DIA DO PAI

19 de Março de
2015



Catequeses do Papa
Francisco

Papa explica a importância do pai na família

Janeiro e Fevereiro 2015

PAI PRESENTE



FIRME E
MISERICORDIOSO

Nesta catequese (4 de Fevereiro 2015) o Papa Francisco concentra-se no valor da figura paterna, que deve ser presente, firme e misericordiosa.

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Hoje gostaria de desenvolver a segunda parte da reflexão sobre a figura do pai na família. Também São José foi tentado a deixar Maria, quando descobriu que ela estava grávida: mas intervém o anjo do Senhor que lhe revelou o desígnio de Deus e a sua missão de pai adoptivo; e José, homem justo, “toma consigo sua esposa” (Mt 1, 24) e torna-se o pai da família de Nazaré.

Cada família precisa do pai. Hoje concentremo-nos no valor do seu papel, e gostaria de partir de algumas expressões que se encontram no Livro dos Provérbios, palavras que um pai dirige ao próprio filho. Diz assim:



**“Filho meu,
se o teu coração for sábio,
também o meu ficará cheio de
alegria.
Exultarei dentro de mim,
quando os teus lábios disserem
palavras rectas”**

(Prov 23, 15-16).

Não se poderia exprimir melhor o orgulho e a comoção de um pai que reconhece ter transmitido ao filho aquilo que realmente conta na vida, ou seja, um coração sábio. Este pai não diz: “Estou orgulhoso de de ti, porque és igual a mim, porque repetes as coisas que eu digo e

que eu faço”. Não, não lhe diz simplesmente qualquer coisa. Diz-lhe algo de bem mais importante, que podemos interpretar assim:

“Serei feliz sempre
que te vir agir
com sabedoria
e estarei comovido
cada vez
que te ouvir falar
com rectidão.
Isto é aquilo
que te quis deixar,
para que se tornasse
uma coisa tua:”



“Fiz-te sentir um afecto profundo e ao mesmo tempo discreto, que talvez não reconhecesses plenamente quando eras jovem e incerto. Dei-te um testemunho de rigor e de firmeza que talvez não entendesses, quando tu quiseste somente cumplicidade e protecção. Precisei eu mesmo, primeiro, de colocar-me à prova da sabedoria do coração e vigiar sobre os excessos de sentimento e de ressentimento, para levar o peso das inevitáveis incompreensões e encontrar as palavras certas para me fazer entender”.



Agora, continua o pai: “quando vejo que procuras ser assim com os teus filhos, e com todos, eu me comovo. Sou feliz por ser teu pai”. É assim que diz um pai sábio, um pai maduro.

Um pai sabe bem quanto custa transmitir esta herança: quanta proximidade, quanta doçura e quanta firmeza. Porém, que consolo e recompensa se recebe quando os filhos honram esta herança! É uma alegria que redime todo o cansaço, que supera toda a incompreensão e cura toda a ferida.

A primeira necessidade, então, é justamente essa: que o pai seja presença na família. Que seja próximo à mulher, para partilhar tudo, alegrias e dores, cansaços e esperanças. E que seja próximo aos filhos no seu crescimento: quando brincam e quando se empenham, quando estão despreocupados e quando estão angustiados, quando se exprimem e quando ficam em silêncio, quando ousam e quando têm medo, quando dão um passo errado e quando reencontram o caminho; pai presente, sempre. Dizer presente não é o mesmo que dizer controlador!



Porque os pais muito controladores anulam os filhos, não os deixam crescer.

O Evangelho fala-nos do exemplo do Pai que está nos céus – o único, diz Jesus, que pode ser chamado realmente “Pai bom”

(Mc 10, 18).

Todos conhecem aquela extraordinária parábola chamada do “filho pródigo”, ou melhor, do “pai misericordioso”, que se encontra no Evangelho de Lucas. (Lc 15, 11-32). Quanta dignidade e quanta ternura na espera daquele pai que está à porta da casa esperando que o filho retorne!



Os pais devem ser pacientes. Muitas vezes não há outra coisa a fazer se não esperar; rezar e esperar com paciência, doçura, magnanimidade, misericórdia.

Um bom pai sabe esperar e sabe perdoar, do fundo do coração. Certo, sabe também corrigir com firmeza: não é um pai frágil, complacente, sentimental. O pai que sabe corrigir sem degradar, é o mesmo que sabe proteger sem se economizar.

Uma vez ouvi numa reunião de matrimónio um pai dizer: “Algumas vezes preciso bater nos meus filhos... mas nunca no rosto para não degradá-los”. Que bonito! Tem sentido de dignidade. Deve punir, mas faz isso de modo justo, e continua em frente.

Portanto, se há alguém que pode explicar até ao fundo a oração do “Pai nosso”, ensinada por Jesus, é justamente aquele que vive em primeira pessoa a paternidade.



Sem a Graça que vem do Pai que está nos céus, os pais perdem a coragem e abandonam o campo. Mas os filhos precisam de encontrar um pai que os espera quando regressam dos seus insucessos. Farão de tudo para não admitir isso, para não deixarem ver, mas precisam; e não encontrar isso abre feridas difíceis de curar.

A Igreja, nossa mãe, está empenhada em apoiar, com todas as suas forças a presença boa e generosa dos pais nas famílias, porque esses são para as novas gerações protectores e mediadores insubstituíveis da fé na bondade, da fé na justiça e na protecção de Deus, como São José.



PAI AUSENTE



FILHO
CARENTE

Nesta catequese (28 de Janeiro 2015) o Papa Francisco fala dos pais ausentes

Queridos irmãos e irmãs, bom dia!

Retomamos o caminho das catequese sobre a família. Hoje vamos deixar-nos guiar pela palavra “pai”. Uma palavra mais do que qualquer outra querida a nós cristãos, porque é o nome pelo qual Jesus nos ensinou a chamar a Deus: PAI. Hoje o sentido deste nome recebeu uma nova profundidade justamente a partir do modo como Jesus o usava para se dirigir a Deus e manifestar a Sua especial relação com Ele. O mistério abençoado da intimidade de Deus, Pai, Filho e Espírito, revelado por Jesus, é o coração da nossa fé cristã. “Pai” é uma palavra conhecida por todos, uma palavra universal. Ela indica uma relação fundamental cuja realidade é tão antiga quanto a história do homem.



Hoje, todavia, chegou-se a afirmar que a nossa sociedade seria uma *“sociedade sem pais”*.

Noutros termos, em particular na cultura ocidental, a figura do pai estaria simbolicamente ausente, dissipada, removida.

Às vezes, nalgumas casas, reinava, no passado, o autoritarismo, em certos casos até mesmo a opressão: pais que tratavam os filhos como servos, não respeitando as exigências pessoais do seu crescimento;

pais que não os ajudavam a empreender o seu caminho com liberdade – mas não é fácil educar um filho em liberdade; pais que não os ajudavam a assumir as próprias responsabilidades para construir o seu futuro e o da sociedade.



Isto, certamente, é uma atitude errada; porém, como acontece muitas vezes, passa-se de um extremo a outro.

O problema dos nossos dias não parece ser tanto a presença autoritária dos pais mas a sua ausência, a sua falta de acção. Os pais estão, por vezes, tão concentrados em si mesmos e no seu próprio trabalho e até nas próprias realizações individuais a ponto de esquecerem a família. E deixam sozinhos os pequenos e os jovens.

Já como bispo de Buenos Aires senti o sentido de orfandade que vivem os jovens; muitas vezes eu perguntava aos pais se brincavam com os seus filhos, se tinham a coragem e o amor de perder tempo com os filhos. E a resposta era terrível, na maioria dos casos: “Mas, não posso, porque tenho tanto trabalho...” E o pai estava ausente

daquele filho que crescia; não brincava com ele, não, não perdia tempo com ele.

Ora, neste caminho comum de reflexão sobre a família, gostaria de dizer a todas as comunidades cristãs que devemos estar mais atentos: a ausência da figura paterna na vida dos pequenos e dos jovens produz lacunas e feridas que podem ser muito graves. E, de facto, os desvios de crianças e de adolescentes podem, em boa parte, ser atribuídos a esta falta, à carência de exemplos e de guias nas suas vidas de cada dia, à carência de proximidade, à carência de amor por parte dos pais. O sentido de orfandade que tantos jovens vivem é mais profundo do que aquilo que pensamos.



São órfãos na família, porque os pais muitas vezes estão ausentes, mesmo fisicamente, da casa, mas sobretudo porque, quando lá estão não se comportam como pais, não dialogam com os seus filhos, não cumprem o seu papel educativo, não dão aos filhos, com o seu exemplo acompanhado de palavras, aqueles princípios, aqueles valores, aquelas regras de vida de que precisam como precisam do pão. A qualidade educativa da presença paterna é tanto mais necessária quanto mais o pai é obrigado pelo trabalho a estar distante de casa. Às vezes parece que os pais não sabem bem o lugar que devem ocupar na família e como educar os filhos. E, então, na dúvida, abstém-se, retiram-se e negligenciam as suas responsabilidades,

talvez refugiando-se numa improvável relação “em pé de igualdade” com os filhos. É verdade que o pai deve ser “companheiro” do seu filho, mas sem esquecer que é o pai! Se o pai se comporta somente como um companheiro em pé de igualdade com o filho, isso não fará bem ao menino.



E vemos este problema também na comunidade civil. A comunidade civil, com as suas instituições, tem uma certa responsabilidade – podemos dizer paterna – com os jovens, uma responsabilidade que às vezes negligencia ou exerce mal. Também ela, muitas vezes, os deixa órfãos e não lhes propõe uma perspectiva verdadeira. Os jovens permanecem, assim, órfãos de caminho seguro a percorrer, órfãos de mestres em quem confiar, órfãos de ideais que aquecem o coração, órfãos de valores e de esperanças que os apoiam quotidianamente. São preenchidos, talvez, por ídolos, mas rouba-se-lhes o coração; são impelidos a sonhar com diversão e prazer, mas não se dá a eles o

trabalho; são iludidos com o deus dinheiro, e nega-se-lhes as verdadeiras riquezas.

E então fará bem a todos, aos pais e aos filhos, escutar novamente a promessa que Jesus fez aos seus discípulos: “Não vos deixarei órfãos” (Jo 14, 18). É Ele, de facto, o Caminho a percorrer, o Mestre a escutar, a Esperança de que o mundo pode mudar, de que o amor vence o ódio, de que pode haver um futuro de fraternidade e de paz para todos. Algum de vós me poderá dizer: “Mas, padre, hoje o senhor foi muito negativo. Falou somente da ausência dos pais, o que acontece quando os pais não são próximos aos filhos...” É verdade, quis destacar isso, porque na quarta-feira que vem (4 de Fevereiro) prosseguirei esta catequese colocando o foco na beleza da paternidade. Por isso escolhi começar pelo escuro para chegar à luz. Que o Senhor nos ajude a entender bem estas coisas. Obrigado.





Oferta da catequese, da Paróquia de

Para o pai do/a